

REVISITANDO HISTÓRIA E METAMORFOSES DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Revisiting history and metamorphoses of textual genres

Revisitando la historia y las metamorphosis dos géneros textuales

Baktalaia de Lis Andrade Leal ¹  

Recebido: 21-05-2024

Aprovado: 26-06-2024

Resumo: Ao longo dos séculos, estudiosos classificaram os textos por gêneros, tipos, estilos, formas, no intuito de compreender o funcionamento da linguagem humana. Este ensaio crítico de revisão desenvolve uma visitação histórica e bibliográfica dos gêneros do discurso desde os pensamentos rudimentares de Aristóteles até os conceitos modernos do Círculo Linguístico de Moscou. Esse trabalho de pesquisa sintetiza os principais conceitos e estuda as razões mais conhecidas de classificações textuais e suas funcionalidades. A investigação inicia-se com uma abordagem histórico-conceitual dos gêneros literários, em seguida dos gêneros discursivos, passando a concentrar-se nos estudos do Círculo de Bakhtin. Para compreensão deste percurso, alguns autores são acionados: Marcuschi (2008), Discini (2005), Machado (2005), Manzano (2011), Santaella (2013), dentre outros. Sendo um material de revisão bibliográfica, esse trabalho objetiva oferecer uma leitura sintética porém substancial dos sentidos muitas vezes abstratos de classificação dos gêneros do discurso.

Palavras-chave: Gênero do discurso; Texto; Gênero textual.

Abstract: Over the centuries, scholars have classified texts by genres, types, styles, forms, with the intention of understanding how human language works. This critical review essay work develops a historical and bibliographical tour of discursive genres from the rudimentary thoughts of Aristotle to the modern concepts of the Moscow Linguistic Circle. This research summarizes the main concepts and studies the most well-known reasons for textual classifications and their functionalities. The investigation begins with a historical-conceptual approach to literary genres, followed by discursive genres, focusing on studies of the Bakhtin Circle. To understand this path, some authors are considered: Marcuschi (2008), Discini (2005), Machado (2005), Manzano (2011), Santaella (2013), among others. Being a bibliographic review material, this objective work offers a synthetic, but substantial, reading of the meanings, often abstract, of classifying of the genres of discourses.

Keywords: Discursive genres; Text; Text genres.

¹ Doutor em Letras e professor adjunto da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: baker.br@hotmail.com

Resumen: A lo largo de los siglos, los estudiosos han clasificado los textos por géneros, tipos, estilos, formas, con el fin de comprender cómo funciona el lenguaje humano. Este ensayo de revisión crítica desarrolla un recorrido histórico y bibliográfico por los géneros discursivos desde los pensamientos rudimentarios de Aristóteles hasta los conceptos modernos del Círculo Lingüístico de Moscú. Este trabajo de investigación resume los principales conceptos y estudia las razones más conocidas de las clasificaciones textuales y sus funcionalidades. La investigación comienza con un acercamiento histórico-conceptual a los géneros literarios, seguido de los géneros discursivos, centrándose en los estudios del Círculo de Bakhtin. Para comprender este camino se recurre a algunos autores: Marcuschi (2008), Discini (2005), Machado (2005), Manzano (2011), Santaella (2013), entre otros. Al ser un material de revisión bibliográfica, este trabajo pretende ofrecer una lectura sintética pero sustancial de los significados, a menudo abstractos, de la clasificación de los géneros discursivos.

Palabras clave: Género del discurso; Texto; Género textual.

Introdução

Uma das importantes áreas de pesquisa na antiquíssima e vasta matéria da linguagem é o estudo dos gêneros de textos, que busca compreender de que forma os textos orais e escritos poderiam estar categorizados, separados em ficheiros mentais. O que faz com que o falante ou o ouvinte, o escritor ou o leitor saiba diferenciar uma poesia de um anúncio publicitário é certamente o conhecimento de variados modelos de composições textual, e isso é chamado de gênero desde a antiguidade. Todavia os modos de compreender gênero vão se diferenciando com o passar dos séculos.

Este ensaio faz um percurso histórico desse fenômeno da classificação dos gêneros, seguindo um método de revisão teórica e histórica do tema. Este trabalho traz reflexões e críticas enquanto visita importantes autores desta área de estudo como Aristóteles, e finalmente explorando mais amplamente os pensamentos de Bakhtin, considerado como o mais importante teórico deste assunto nos últimos séculos.

1 Aspectos iniciais sobre os gêneros literários

As primeiras observações e teorizações sobre os modos de categorias de texto partiram de Platão (século VI a.C.) e mais amplamente de seu discípulo, Aristóteles (III a.C.). Ao notar que a linguagem se diferenciava nas práticas de interlocução, Aristóteles propôs as categorizações dessas diferenças inicialmente restringindo-se às produções literárias. No texto de sua *Poética*, o autor configurou as categorias de gêneros literários em três tipos: *lírico*, *épico* e *dramático*. O *lírico* correspondia ao texto poético plurissignificativo a ser cantado ou recitado, o *épico* referia-se ao poema-narrativo onde relatos e histórias eram contados, enquanto as peças de teatro e os textos de dramaturgia eram classificados como gênero *dramático*. Machado (2005, p.151) observa que “Trata-se de uma classificação paradigmática e hierárquica, facilitada pela observação das formas no interior de um único meio: a voz”. Esta classificação era feita pelo critério da pessoa discursiva que predominava no poema (primeira, segunda ou terceira pessoa pronominal).

Esse formato inicial de pesquisa, que data de aproximadamente vinte e cinco séculos, demorou muito a ganhar a variedade de contornos e conceitos que se tem hoje sobre esse assunto. No livro de Hegel (2012, p.135-160), textos escritos aproximadamente entre os anos de 1818 e 1830 d.C., há um ensaio sobre os gêneros poéticos que são classificados pelas mesmas categorias aristotélicas. Vê-se que apesar de se passarem 2.300 anos, as propostas gerais sobre essas classificações eram essencialmente idênticas às originais. Contudo não se pode presumir que não houve muitos investimentos sobre as bases dos conceitos postos por Aristóteles no campo literário. Ocorreu que os pressupostos aristotélicos ganharam muita força e, então o ato de permanecer sob a égide do seu criador passou a ser um caminho obrigatório aos estudos da teoria da literatura no que tangia ao entendimento de gêneros. Machado (2005, p. 152) comenta que:

Ainda que o estudo dos gêneros tenha se constituído no campo da Poética e da Retórica, tal como foram formuladas por Aristóteles, foi na literatura que o rigor da classificação aristotélica se consagrou. Prova disso é o fato de a teoria dos gêneros ter se tornado a base dos estudos literários desenvolvidos no interior da cultura letrada.

As convicções de que novas concepções deveriam figurar os estudos dos gêneros literários – em critérios de classificação e categorias – surgem juntamente com o aparecimento de um novo gênero até então sem formato na classificação grega: a prosa.

Embora o primeiro romance tenha sido escrito no século XI (pela vanguardista escritora japonesa Murasaki Shikibu, o novo gênero narrativo necessitaria de quase meio milênio para ganhar notoriedade nas novelas de cavalaria. E apenas sagrou-se em definitivo em Cervantes no ano de 1606. Mesmo estando diante de um gênero literário inteiramente diferente, a teoria da literatura em geral manteve-se adaptada ao modo aristotélico de classificação. O novo gênero exigia uma reelaboração no quadro consagrado e provocaria um desconforto dentro das teorias já justapostas. Hegel (2012 [1770-1831], p.143) não encontrou formatos para tal classificação e denominou o romance como “o romance, da moderna epopéia burguesa”, fazendo um arranjo por meio de uma solução *ad hoc*, e alocando o novo gênero dentro da categoria de texto épico.

O propósito da classificação literária aristotélica encontra sérias limitações a cada geração que a literatura se contorce e se ramifica. Dos três posicionamentos primários arrolados por Aristóteles surgem muitos outros reorganizados por outros critérios: o romance, o conto, a novela urbana, a crônica, a poesia concreta e diversas formas da manifestação literária que obrigavam constantemente os estudiosos a refazerem as engrenagens da maquinaria teórica e analítica da literatura. Manzano (2011, p. 20) comenta sobre surgimento do romance:

A nova ficção é muito diferente da nobre epopéia em versos. O romance é em prosa, os acontecimentos descritos não são heróicos, os cenários são ruas e tabernas, os deuses não controlam a ação e os diálogos são em linguagem corriqueira, sem as convenções da retórica aristocrática.

As mudanças não estão apenas no aspecto estrutural dos escritos, mas elas estão presentes nos temas, na axiologia, na linguagem. A cada tentativa por reagrupar os caminhos, a literatura se desdobra, a depender dos critérios que são tomados por orientação. Nota-se que Manzano destaca vários critérios que poderiam servir de limites para vários gêneros ou subgêneros da literatura. Hoje é bastante amplo o rol de categorias de gêneros literários e, além desses, pode-se abrir um extenso leque para classificar gêneros jornalísticos, acadêmicos, discursivos etc.

2 Histórico e conceitos iniciais dos gêneros discursivos

Outra trajetória conceitual percorrida por Aristóteles para categorizar a manifestação comunicativa é o estudo do discurso, esse caminho teórico com vistas na prática de oratória é especialmente registrado no seu livro *Retórica*. Nessa obra, os gêneros *deliberativo*, *judiciário* e *epidítico* formam o esquema aristotélico dos estudos da argumentação. São a primeira ideia de classificação não literária de gêneros da linguagem. Em sua própria definição, Aristóteles (2005 [1358a], p.105) considera que “cada um desses gêneros tem um fim diferente, e como são três os gêneros, três são também os fins”. Diferente das classificações literárias visitadas na seção anterior, o autor adota outro critério de ordenamento dos gêneros do discurso: a função. Ou seja, essas categorias eram identificadas pela finalidade, pelos objetivos dos discursos determinados pela evidência no texto. O gênero *deliberativo* tinha a finalidade de aconselhar; o *judiciário* objetivava acusar ou defender; o *epidítico* tinha a função de demonstrar, louvar ou criticar.

Deve-se observar que, o entendimento de termo “discurso” na Grécia Antiga não se aproxima de grande parte dos conceitos de discurso da atualidade. A concepção de discurso no pensamento aristotélico é simplesmente o ato de fala de um orador frente a um auditório.

Semelhantemente aos estudos de gêneros no campo literário, demorou muitos séculos para que as concepções dos modos do discurso sofressem mudanças significativas até chegar ao que se tem atualmente em termo de gêneros textuais e/ou discursivos².

Marcuschi (2008, p.148) descreve que “A visão de Aristóteles sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros foi desenvolvida amplamente na Idade Média. Tornou-se inclusive a ênfase pela qual a retórica se desenvolveu e propiciou a tradição estrutural”. Porém, mesmo considerando os constantes estudos destes campos em muitas épocas desde Aristóteles, pode-se dizer que as pesquisas desenvolvidas nos últimos séculos proliferaram um avanço

² Expressões como “gêneros discursivos” ou “gêneros textuais”, ou ainda “gêneros do discurso”, ou simplesmente “gêneros” geram controvérsias entre alguns autores, uns usam apenas uma das expressões, outros usam duas considerando concepções diferentes para cada uma delas. Mas como é de conhecimento amplo, todas essas nomenclaturas podem ser usadas como sinônimas sem perda de compreensão. Para este trabalho usa-se a expressão “gênero do discurso”, por ser a terminologia bakhtiniana, ou simplesmente “gênero”.

muito mais significativo e diferenciado que em vinte séculos de tradição da retórica aristotélica. Um conjunto de fatores inter-relacionados fez surgir novos olhares sobre os gêneros, e conforme visto anteriormente, o surgimento de novos gêneros literários foi um desses fatores. O aparecimento e o uso amplo de novas tecnologias de informação e interação inevitavelmente obrigaram as teorias de linguagem e literatura a uma revisão ou até a uma revolução nos conceitos e critérios. Marcuschi (2007, p. 20) considera que:

Não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação que proporcionaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originaram os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

Além dessas duas alavancas (o surgimento de gêneros novos e o advento das novas tecnologias), pode-se afirmar que as próprias mudanças sociais, econômicas, as revoluções etc. fizeram com que o ser humano, próximo da fronteira da modernidade, mobilizasse sua comunicação de formas macro e micro sociais. No confronto das novas mentalidades, os formatos e conteúdos comunicativos geraram as novas tendências no dizer, no escrever e no expressar de forma geral.

O *Círculo de Bakhtin* – grupo russo de pesquisadores dos fenômenos da linguagem e tendo como principais expoentes Mikhail Bakhtin, Valentim Volóshinov e Pavel Medvedev – inaugura no início do século XX um novo passo para a compreensão das questões de gêneros e inicia os caminhos do dialogismo. Passa-se a considerá-lo todo ato comunicativo como objeto de análise, não apenas a literatura ou os discursos de tribuna; as interações do cotidiano passam a se tornar o verdadeiro valor da própria linguagem, rejeitando as concepções de língua como objeto pré-definido e externo ao ser humano; aparecem também as questões dialógicas e categorizações mais aprimoradas de gêneros de discurso.

Marcuschi (2008, p. 152) considera que “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” e Machado (2005, p. 152) declara que “A partir dos estudos de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros”. As proliferações dos estudos da linguagem e de sua filosofia ganham fôlego em grandes centros do mundo.

Graças aos estudos do Círculo de Bakhtin, os avanços a propósitos de investigações dos gêneros foram intensos e hoje as pesquisas desta área tornaram-se constantes e até mesmo obrigatórios. Prova da relevância da compreensão dos gêneros na formação escolar é a aparição das propostas de trabalhos com tipologias sugeridos na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 143) que, dentre algumas habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes de ensino básico, prescreve: “produzir textos em diferentes gêneros considerando sua adequação ao contexto, produção e circulação [...], ao modo [...], à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto...”. Concretizando assim o ensino com base nos gêneros sobretudo quando se trata dos estudos e das práticas linguageiras que caracterizam a produção escrita.

Vê-se que, dentre as definições e caminhos para uma linguística aplicada ao ensino de linguagens, o estudo dos gêneros é emergente e indispensável. Lé (2011, p. 86) necessariamente ressalta que:

Em função da crítica às práticas escolarizadas da produção textual e da leitura, fortaleceu-se, nos últimos anos, a visão de que o ensino/aprendizagem dessas práticas como interação social deve incluir os gêneros dos discursos como objeto de ensino. Surge, assim, uma nova perspectiva teórico-pedagógica, focalizando-se, além das noções de interação verbal e dialogismo, o estudo dos gêneros do discurso.

Este conjunto de indicativos contradiz a noção de modismo para esse terreno de estudo, pois, para além da moda, os gêneros configuram uma abertura capaz de assumir problemas anteriormente intransponíveis advindos do uso da linguagem e da comunicação humana.

Há vários caminhos teóricos que estabelecem critérios para conceituar e categorizar os discursos, além do critério funcional (suscitado por Aristóteles e descrito anteriormente é um dos mais adotados) pode-se, a título de exemplo, abordar outro critério de vínculo entre sujeitos, como propõe Orlandi (1986, p. 9):

Partindo da suposição de que se poderia distinguir três tipos de discurso, em seu funcionamento – discurso *lúdico*, discurso *polêmico* e discurso *autoritário* [...] O critério, para distinção dos três tipos de discurso, podemos encontrá-lo tomando como base o referente e os participantes do discurso.

Esse critério classifica os discursos a partir da força coerciva exercida de um interlocutor para com o outro. Ou seja, quanto mais dominador e opressivo for o discurso,

mais ele se aproxima do nível discurso *autoritário*, em outro extremo, quanto mais convidativo e permissivo for o discurso, mais ele se aproxima do discurso *lúdico*. Santaella (2013, p. 28), em um dos seus estudos, retoma esse critério proposto por Orlandi, em 1983, e descreve que:

Orlandi divide os discursos em lúdico, polêmico e autoritário. A base dessa tipologia é extraída da relação de interlocução, isto é, a interação falante-ouvinte que a autora (*ibidem*, p. 123) toma como fundante para o reconhecimento da configuração dos traços formais da tipologia.

Como se vê, pode-se conceituar e categorizar as maneiras de classificar os discursos por muitas formas, e por isso oferecem uma gama de possibilidades de estudo da comunicação, de compreensão das relações humanas e, em especial, aciona grande parte das ações educacionais dentro das teorias da Linguística.

3 Texto, discurso, gênero e domínios discursivos

Considerar palavras como “texto”, “discurso” ou “gênero” implica em múltiplas possibilidades conceituais, visto que estes são vocábulos-chave para compreensão de numerosas propostas teóricas, ou seja, vários autores deram diferentes significados a estes termos. O problema das terminologias pode ser tão agudo quanto os próprios problemas teóricos internos das análises de muitas (todas) as áreas das ciências de humanidades. Na tentativa de desvencilhar-se da problemática que deriva das nomenclaturas, faz-se necessário demarcar as preferências conceituais que alicerçam esta investigação.

Entende-se por *texto*, todo ato comunicativo manifesto de forma escrita ou oral, tomado como singularidade analítica e conformado por um suporte físico (papel, áudio, vídeo, mídia etc.). Com base no texto, então, pode-se investir em um ato interpretativo a fim de compreender o seu discurso. Conforme Silva (1999, p. 87):

[texto]... pode-se materializar tanto na forma oral quanto na forma escrita, e sua construção no processo das relações interacionais, capaz de constituir-se um todo significativo. Independentemente de sua extensão. [...] *texto* [...] é tomado como unidade de análise, por pressupor que é nele e por meio dele que se podem evidenciar e analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que compõem a suas condições de produção e recepção.

Compreende-se por *Discurso*, os sentidos decorrentes do ato da interação entre sujeitos. O discurso aparece na interação, e por meio dela as formas do significado vão sendo constituídas mediante todas as condições de produção e recepção. Os discursos só são possíveis através de sua materialização nos textos. Esta concepção acha consonância com o conceito de Marcuschi (2007, p. 24) quando define que “deve-se ter o cuidado de não confundir *texto* e *discurso* como se fossem a mesma coisa [...] *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”.

Os *Domínios Discursivos* (DD), também chamados por Bakhtin de esferas de atividades humanas, são universos que abrigam discursos por suas semelhanças de gêneros e aproximações institucionais, embora essas fronteiras sejam moderadamente regulares, nem sempre é possível determinar o pertencimento de tal discurso a tal esfera de atividades. Esses DD podem ser exemplificados pelos: domínio discursivo jornalístico, ou domínio discursivo religioso, ou domínio discursivo jurídico etc. Asseverando os conceitos, Marcuschi (2008, p. 155) mostra que o DD:

... não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constitui práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhes são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

Gênero é entendido como as dimensões específicas de um texto quanto ao seu arranjo formal, ao seu conteúdo e ao seu modo composicional, ou seja, seu estilo. Este esquema segue de perto o entendimento bakhtiniano de gênero discursivo:

enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e por seu estilo de linguagem, [...] mas, acima de tudo, pela sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissociavelmente ligados ao todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2011 [1979] p. 261-262).

Posto de outra forma, uma carta pessoal é um gênero que ligeiramente será identificada por qualquer leitor comum, e dificilmente será confundida com um *menu* (cardápio) de um restaurante. Confere-se, portanto, que os textos são elaborações que

guardam traços, marcas de sua existência enquanto unidade significativa no mundo. O conjunto de elementos que faz com que uma espécie de texto tenha uma montagem própria e uma identidade social é o gênero. Santaella (2013, p. 29) sintetiza eficientemente esta percepção bakhtiniana:

... todos os nossos enunciados linguísticos estão baseados em formas-padrão que guardam uma estabilidade relativa de estruturação de um todo. São essas formas que constituem os gêneros. Estes são marcados historicamente porque não se separam das distintas situações sociais em que são empregados. Por isso mesmo, não são estáticos, estão sujeitos às vicissitudes das transformações sociais, dos novos procedimentos de organização da linguagem e das mudanças na posição ocupada pelo enunciatador. Em função disso, a heterogeneidade é a marca registrada dos gêneros.

Embora intuitivamente seja claro, para leitores comuns, qual a diferença entre um poema e uma piada, esses limites podem ser quebrados a depender dos efeitos empreendidos na enunciação em conjunto com o momento da interpretação. A maturidade teórica do círculo bakhtiniano permite perceber que os gêneros não são estáticos, pois sua estabilidade relativiza-se.

Os três elementos responsáveis pela definição de cada gênero (Bakhtin, 2011 [1979] p. 261-262) ocorrem em qualquer texto, a existência deles não é um fator opcional, afinal qualquer texto tem um *conteúdo*, tem uma *forma* e tem um *estilo*. Todo texto tem, por conseguinte, um pertencimento a um gênero, e cada gênero é abrigado em um determinado DD que lhe seja pertinente.

O analista do discurso, que trabalha sob esta ótica, utiliza essas três dimensões, e as informações fornecidas por elas, para alocar os gêneros nos DD's. Nem sempre as informações são regulares, pois os gêneros não são estáticos, gerando um esforço para perceber as inovações comunicativas em termos de categorias. Duas eficientes sínteses sobre este conceito podem ser encontradas em Sobral e em seguida em Silva, os autores resumem o conceito de gêneros na concepção bakhtiniana:

[...] formas relativamente estáveis de criação de relação de interlocução/relações interlocutivas, vinculadas a esferas de atividades (de produção, circulação e recepção de discursos). Os gêneros se caracterizam materialmente em textos, mediante o discurso; sua concretização se dá a partir da escolha da forma de composição, do tema e do estilo, que são mobilizados e determinados pelo projeto enunciativo, o endereçamento do enunciado que é assim o principal elemento definidor do gênero (Sobral, 2009, p. 129).

Em Silva (1999, p. 92) temos: “... na reflexão bakhtiniana, a noção de gênero discursivo reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação”. Toda a reflexão do teórico russo conecta a interação humana, os constituintes reais, as atividades concretas de comunicação. Os elementos apresentados: texto, discurso, domínios discursivos e gêneros discursivos (com suas três dimensões: conteúdo, forma e estilo) formam um conjunto de entendimentos teóricos necessário para o trabalho analítico do funcionamento da linguagem. Na junção destes componentes, adota-se a tese:

[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero (Marcuschi, 2008, p. 154).

Desse modo, não existe texto sem gênero, uma produção textual irá, por organização intrínseca da linguagem, obedecer aos domínios de realização pelos gêneros, e ainda que ocorra uma criação, uma modificação ou uma mistura das categorias, a comunicação estabelecida oferecerá subsídios para classificar, por meio das três dimensões, qualquer gênero emergente.

Ao considerar as várias teorias de linguagem direcionadas aos estudos dos gêneros, Marcuschi (2008, p. 152) pondera que: “como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macro-analítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa”.

Mesmo com uma filosofia da linguagem balizada na ideologia, o *Círculo de Bakhtin* consegue descrever um modelo de análise para grupos dos discursos não encerrados em si mesmos, como aconteceu na teoria pechetiana de análise do discurso que se fixa inicialmente na ideia de que a sociedade se formava de grupos ideológicos fechados em suas formações discursivas. Para Bakhtin, existe uma instância no trabalho da comunicação que impõe comportamentos discursivos aos enunciadores, Pêcheux (2010[1975], p. 164) postula que a formação discursiva determina o que “pode e deve ser dito” pelo sujeito, essa compreensão dos modos textuais visualizada por Pêcheux se parece levemente com a ótica de Bakhtin, pois numa leitura bakhtiniana, “as coerções genéricas consolidam convenções para o que dizer e como dizer” (Discini, 2005, p38-39). Há, entretanto, um fundamento em especial que

distancia e diferencia as duas visões (Pêcheux e Bakhtin), a descrição de que os gêneros são “enunciados relativamente estáveis” (proposta por Bakhtin) faz com que as duas teorias afastem-se significativamente. Não é proposta deste trabalho fazer aprofundamentos na Análise do Discurso pechetiana, mas no percurso bakhtiniano de compreensão de gêneros de texto.

O modo bakhtiniano de entender como os discursos podem ser reunidos em seus termos – esvaziado de posições políticas ou de universos discursivos fechados – possibilitará um re-ordenamento da ideia dos gêneros discursivos, a ponto de ser possível afirmar que “o grupo pecheutiano encontrará nas formulações bakhtinianas resposta para entender essa materialidade discursiva na análise da ‘heterogeneidade enunciativa’”. (Gregolin, 2006, p. 40).

O entendimento dos gêneros como modelos relativamente estáveis oferece para as teorias dos textos e dos discursos um eficiente ferramenta na compreensão de como os materiais de linguagem circulam nas esferas sociais.

4 Tipo textuais, gênero primário e gêneros secundários

É preciso ainda um outro aprofundamento na noção de gênero a fim de subsidiar mais propriamente as conexões com as formas de autorias.

Considerando a compreensão de texto anteriormente apresentada, o conceito de tipos de texto não pode ser confundido com as categorias de gêneros. Os gêneros também apresentam um rol de modalidades que talvez hoje seja muito difícil de enumerá-las, a título de exemplo, tem-se uma variedade de gêneros como: cartas pessoais, panfletos, tirinhas, receita de culinária, cardápios, jornais, bulas de remédio, recados, piadas, editoriais, requerimentos, preces, poemas, debates, manifestos, entrevistas, comentários, intimações, roteiros, diários e uma infinidade de gêneros. Embora sejam inúmeros os gêneros do discurso, os tipos de texto são poucos.

A *tipologia textual* (TT), por seu turno, é dividida a propósito dos objetivos observáveis no teor do texto, ou seja, as finalidades a que o texto se presta (que podem ser

várias em um mesmo texto). Assim entendem-se os tipos de texto divididos nas seguintes funções: argumentativa, narrativa, descritiva, expositiva e injuntiva. Seguindo, desta forma, as seguintes definições:

Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar (Marcuschi, 2008, p. 154-155).

Os tipos de textos congregam uma quantidade restrita de espécies e estão ligadas ao funcionamento da comunicação em si. Esse pressuposto é recuperado de Aristóteles, que designava os discursos em uma classificação dada pelo critério de função. Para consolidar esta definição, arremata-se que “[...] a noção de tipo textual que orienta tal proposta parece construir-se sob os parâmetros das condições objetivas de uso e função pragmática dos textos” (Silva, 1999, p. 90)

Bakhtin ainda idealiza uma divisão bipartida para os gêneros do discurso, nela são divididos em: *gêneros primários* e *gêneros secundários*. Os diálogos do cotidiano, o bate-papo, as conversas diárias, tais atividades comunicativas de sujeitos comuns em lugares comuns são considerados *gêneros primários*, pois são construções que servem de base para todos os demais gêneros. Os *gêneros secundários* são tipos de interação que se desloca da esfera do cotidiano para lugares e circunstâncias mais elaboradas. Como exemplo tem-se: entrevista de emprego, debate político, palestra, artigo científico. Segundo Bakhtin (2011 [1979], p. 154-155):

Os gêneros discursivos secundários surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico sociopolítico, etc. No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários.

Os gêneros secundários existem como uma forma de sofisticação ou modificação dos gêneros primários. Essa bipartição oferece uma percepção das manipulações da linguagem em relação às esferas de atividade humana.

É preciso considerar que existe um variado conjunto de concepções sobre tipologias e classificação (de texto, de discurso e de gêneros) baseadas em uma abundante gama de critérios e conceitos, e, apesar desse universo de possibilidades teóricas, este trabalho de revisitação conceitual preferiu se limitar e apresentar as concepções aqui colocados.

5 Conclusão

A sociedade, letrada ou não, vale-se das variadas formas de elaboração textual escrita e oral. Quanto mais um sujeito compreende o funcionamento e circulação das modalidades comunicativas que circulam no bojo da sociedade, mais e melhor ele se fará compreendido, correspondido e inserido nas práticas discursivas. Por outro lado, o não domínio dessas modalidades provoca caminhos excludentes para sujeitos que não usa a linguagem das suas mais amplas formas. Daí a percepção escolar de que os estudantes precisam compreender esse universo discursivo.

Os estudos dos gêneros se tornam hoje um dos grandes desafios e necessidades na escola. Pois eles proporcionam que os sujeitos críticos utilizem a língua nas formas de adaptação e se façam relevantes por isso.

Não é por motivo banal que esses estudos atravessaram séculos e permanecem sendo pesquisados e aprimorados como modos de linguagem extremamente funcionais e significativamente belos.

6 Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica** [1358]. Trad. Júnior, M. A., ALBERTO, P. F., PENA, A. N. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [1979]. Trad. Maria Hermentina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

HEGEL, G.W.F, **Estética: Textos Seletos**. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. 1ª ed. São Paulo. Ícone, 2012.

LÉ, J. B. De Bakhtin a Bronckart: Temas e perspectivas teóricas no estudo de gêneros e tipos textuais. In: HEINE, P. e HEINE, L. **Entre o texto e o discurso** (Org.) Simões Filho: Kalango, 2011.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo, contexto, 2005.

MANZANO, T. R. **E se a literatura se calasse?** Os impasses do romance da Antiguidade ao século XX. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, A. P.,

ORLANDI, E. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PECHEUX M.; e FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Trad. Bethania, S., Mariane... [et al] – 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SANTAELLA, L. **Redação e Leitura: Guia para o ensino**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SILVA. J. Q. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, V. 1, n. 1, 1999, p. 87-106.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das letras, 2009, p. 115-134.